

# Primeiros registros de dois Tyrannidae migratórios no litoral do Sudeste do Brasil: os campos úmidos litorâneos como áreas importantes de invernagem para aves

Vítor de Q. Piacentini<sup>1</sup>, Rafael Mitsuo Tanaka<sup>2</sup> & Edécio Muscat<sup>2</sup>

O termo “área alagada” caracteriza uma ampla gama de diferentes *habitat*, costeiros ou intracontinentais, que possuem algumas características em comum (Dugan 1990). Podem ser distinguidas pela saturação de água no solo, seja sazonal ou permanente. Este tipo de solo desempenhou um importante papel como pressão seletiva nestes ambientes (Gibbs 1995), de modo que a constância ou oscilação da disponibilidade hídrica é o principal fator que influencia no estabelecimento dos organismos associados a tais áreas (Niering 1985). Assim, estes ambientes proporcionam uma biota rica (Gibbs 1995), complexa fonte de *habitat* (Bornette et al. 1998) e serviços ecossistêmicos de regulação, suporte, provisionamento e cultural (Acharya 2000, *Millennium Ecosystem Assessment* 2005). Todavia, estas áreas já foram consideradas um desperdício de terra e eram “melhoradas” através de drenagem e sua posterior destruição (Mitch & Gosselink 1986). Atualmente, apesar da extrema e reconhecida importância sócio-econômica das áreas alagadas (Acharya 2000, Mitsch & Gosselink 2000, Turner et al. 2000, Woodward & Wui 2001), este tipo de ambiente é um dos ecossistemas mais suscetíveis à degradação (*Millennium Ecosystem Assessment* 2005). Intervenções antrópicas que visam o lucro – barragens, represas, condomínios residenciais - fragmentação, expansão da agricultura, introdução de espécies exóticas invasoras são os pivôs desta perda (*Millennium Ecosystem Assessment* 2005).

Em nível de paisagem, as áreas alagadas são distribuídas em um mosaico de manchas (Gibbs 2000). Este tipo de disposição aliado à necessidade de as populações migrarem ocasionalmente entre estas áreas para manter-se viáveis (Gibbs 2000, Hanski & Gilpin 1991), configuram uma situação crítica para as espécies locais. A perda de uma área alagada pode prejudicar a reprodução de diversas espécies de diferentes táxons (Semslitch & Bodie 1998), aumentando as chances de extinção das mesmas (Semslitch et al. 1996). Em Ubatuba, São Paulo, a região de Ubatumirim (ca. 23°19'53”S, 44°54'38”W) não foge deste cenário. Localizada no litoral norte do estado, esta localidade compreende um mosaico de restingas e campos úmidos com forte presença de juncos, taboas e gramíneas nativas nas áreas de banhados e campos úmidos.

O papa-moscas-canela (*Polystictus pectoralis*) é um pequeno tiranídeo associado a paisagens campestres nativas da América do Sul (Ridgely & Tudor 1994, Sick 1997, Fitzpatrick & Sharpe 2017). Três subespécies são correntemente reconhecidas, estando a forma nominal presente na Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e centro e sul do Brasil, enquanto as outras duas ocorrem em pequenas populações alopátricas no norte do continente (Restall et al. 2006, Fitzpa-



Figura 1. Registro de *Pseudocolopteryx flaviventris* em Ubatumirim em 28 de agosto de 2016. Foto: Alex Mariano.

trick & Sharpe 2017). Por estar associada aos campos nativos, um *habitat* que sofreu grandes alterações e reduções no Brasil, a espécie foi considerada ameaçada de extinção no país (Vulnerável; MMA 2003) e também em algumas de suas unidades da federação, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, sendo em todos eles categorizada como Criticamente Ameaçada (Bencke et al. 2003, Motta-Junior 2009, Consema 2011). Neste último estado, a espécie é conhecida de apenas quatro localidades, sendo aparentemente regular apenas na Estação Ecológica de Itirapina (Willis & Oniki 2003, Motta-Junior 2009).

O amarelinho-do-junco (*Pseudocolopteryx flaviventris*) pertence à família Tyrannidae, com quatro das cinco espécies que compõem o gênero *Pseudocolopteryx* sendo endêmicas do sul da América do Sul. Sua distribuição inclui desde o Chile central e Argentina até Paraguai e Mato Grosso e, mais ao sul, Uruguai e Rio Grande do Sul (Short 1975, Traylor & Fitzpatrick 1982). Vivem em áreas alagadas, com presença de junco. Insetívoro, possui apenas 11 centímetros, pode viver solitário ou em grupos familiares e se movimenta de forma discreta entre a vegetação (Reppening & Fontana 2009). É uma espécie escassa, considerada residente na maior parte de sua distribuição (Narosky & Di Giacomo 1993, Belton 1994, Bencke 2001).

Em 30 de outubro de 2009, Dimitri Matozsko encontrou e fotografou um indivíduo de *Polystictus pectoralis* em plumagem de fêmea numa área de campos alagados de Ubatumirim (WA 644966). O indivíduo estava aparentemente sozinho e visivelmente procurando alimento (D. Matozsko, *in litt.*). Em 2 de julho de 2016 foi feito o primeiro registro de *Pseudocolopteryx flaviventris* (WA2177926) para a área do Ubatumirim (23°19'50.09”S, 44°54'21.15”W). Posteriormente, a equipe do Projeto Dacnis registrou a espécie duas vezes. Em 20 de agosto de 2016 foram observados indivíduos aos pares, porém

sem registro fotográfico. Ainda no mês de agosto (28/08/2016) um novo registro de *P. flaviventris* foi realizado (Figura 1).

Os primeiros registros do papa-moscas-canela no litoral brasileiro foram realizados no Paraná (Straube et al. 2004). Posteriormente, tal qual previsto por Urban-Filho & Straube (2008), a espécie foi encontrada e fotografada nos campos úmidos do litoral sul de Santa Catarina, às margens do rio Tubarão, município de Laguna, em 1 de maio de 2011 (O. Machado, [www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br) [WA341500]). Em 19 de setembro do mesmo ano, a espécie foi também fotografada em Tramandaí, litoral norte do Rio Grande do Sul (P. Fenalti, WA447486 e WA449063).

Os registros do amarelinho-do-junco representam a terceira ocorrência conhecida para o estado de São Paulo, havendo uma pele coletada por R. Krone no inverno de 1922 em Iguape (Museu de Zoologia da USP, MZUSP 10947; Pinto 1944), além do registro inédito de E. Joel em Canas, no Vale do Paraíba (WA 753418).

Se, por um lado, o uso de campos úmidos do litoral pelo papa-moscas-canela e amarelinho-do-junco traz novas possibilidades na procura por populações desconhecidas e áreas inéditas de ocorrência dessas espécies, por outro lado a constante pressão sobre tais *habitat*, incluindo a especulação imobiliária no litoral brasileiro (ver também Piacentini et al., 2008a, b), traz preocupações no que tange à conservação desses pequenos tiranídeos, o que se agravaria ainda mais no caso de migrações e deslocamentos do contingente populacional entre os campos nativos do interior e aqueles do litoral.

A região do Ubatumirim é também o local de registro de outro migrante austral raro no Brasil, a agachadeira-mirim *Thinocorus rumicivorus* (Castro et al. 2012), o que reforça sua importância como potencial área de invernada para aves migratórias, especialmente num contexto da paisagem regional. Esta importância cresce ainda mais no quadro atual, com a aparente extinção no estado de São Paulo de aves que utilizam campos litorâneos, como *Anthus correndera*, cujas peles em museus, de Iguape e São Sebastião, sugerem uma presença regular na região no início do século 20 (MZUSP e American Museum of Natural History; VQP obs. pess.).

## Agradecimentos

Dimitri Matozko e Alex Mariano gentilmente cederam as informações e imagens referentes ao registro de *Polystictus* e *P. flaviventris* respectivamente. Agradecemos também aos revisores pelas correções e sugestões apresentadas.

## Referências bibliográficas

Acharya, G. (2000) The values of wetlands: landscape and institutional perspectives. Approaches to valuing the hidden hydrological services of wetland ecosystems. *Ecological Economics* 35: 63–74

Belton, W. (1994) *Aves do Rio Grande do Sul, distribuição e biologia*. São Leopoldo: Editora Unisinos.

Bencke, G.A. (2001) *Lista de referência das aves do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul.

Bencke, G.A., C.S. Fontana, R.A. Dias, G.N. Maurício & J.K.F. Mahler (2003) Aves, p. 189–479. In: Fontana, C. S., G. A. Bencke & R. E. Reis (Orgs.) *Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipucers.

Bornette, G., C. Amoros, H. Piegay, J. Tachet & T. Hein (1998) Ecological complexity of wetlands within a river landscape. *Biological Conservation* 85: 35–45.

Castro, F., J. Castro, A. R. Ferreira, M. A. Crozariol & A. C. Lees (2012) A first documented Brazilian record of Least Seedsnipe *Thinocorus rumicivorus* Eschscholtz, 1829 (Thinocoridae). *Revista Brasileira de Ornitologia* 20: 455–457.

Consema [Conselho Estadual do Meio Ambiente] (2011) Lista oficial de espécies da fauna ameaçadas de extinção em Santa Catarina. Resolução CONSEMA no. 002, de 06 de dezembro de 2011. *Diário Oficial de Santa Catarina*, no. 19.237, de 20 de dezembro de 2011.

Dugan, P. J. (1990) *Wetland Conservation: A Review of Current Issues and Required Action*. Gland, Switzerland: IUCN.

Fitzpatrick, J. & C.J. Sharpe (2017) Bearded Tachuri (*Polystictus pectoralis*). In: del Hoyo, J., A. Elliott, J. Sargatal, D. A. Christie & E. de Juana (eds.) *Handbook of the Birds of the World Alive*. Disponível em <http://www.hbw.com/node/57189>. Acesso em 14/05/2017.

Gibbs, J. P. (1995) Hydrologic needs of wetland animals, p. 267–276. In: Nierenberg, W. A. (ed.) *Encyclopedia of environmental biology*, Vol. 2. New York: Academic Press.

Gibbs, J.P. (2000) Wetland loss and biodiversity conservation. *Conservation Biology* 14(1): 314–317.

Hanski, I. & M.E. Gilpin (1991) Metapopulation dynamics: brief history and conceptual domain. *Biological Journal of The Linnean Society* 42: 3–16.

*Millennium Ecosystem Assessment (2005) Ecosystems and human well-being: wetlands and water. Synthesis*. Washington: World Resources Institute.

Mitch, W.J. & J.G. Gosselink (2000) The value of wetlands: importance of scale and landscape setting. *Ecological Economics* 35: 25–33.

Mitsch, W.J. & J.G. Gosselink (1986) *Wetlands*. New York: Van Nostrand Reinhold Company.

MMA (Ministério do Meio Ambiente) (2003) Lista da fauna brasileira ameaçada de extinção. Instrução Normativa do Ministério do Meio Ambiente nº 03/2003, de 27 de maio de 2003. *Diário Oficial da União* 101, Seção 1: 88-97.

Motta-Junior, J.C. (2009) *Polystictus pectoralis* (Vieillot, 1817). In: P. M. Bressan, M. C. M. Kierulff & A. M. Sugieda (orgs.). *Fauna Ameaçada de Extinção no Estado de São Paulo: Vertebrados*. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente e Fundação Parque Zoológico de São Paulo.

Narosky, T., & A.G. Di Giacomo (1993) *Las aves de la Provincia de Buenos Aires: distribución y status*. Asociación Ornitológica del Plata.

Niering, W.A. (1985) *Wetlands*. New York: Knopf.

Piacentini, V.Q., C.A. Borchardt-Jr. & E. Carrano (2008a) *Hemitriccus kaempferi* (Zimmer, 1953), p. 631–632. In: Machado, A. B. M., G. M. Drummond & A. P. Paglia (eds.). *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*, vol. 2. Brasília: Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

Piacentini, V.Q., Carrano, E., Borchardt-Jr, C.A. & Straube, F.C. (2008b) *Phylloscartes kronei* Willis & Oniki, 1992, p. 637–638. In: Machado, A. B. M., G. M. Drummond & A. P. Paglia (eds.). *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*, vol. 2. Brasília: Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

Pinto, O.M.O. (1944) *Catálogo das Aves do Brasil e Lista dos Exemplares Existentes na Coleção do Departamento de Zoologia, 2a parte. Ordem Passeriformes (continuação): Superfamília Tyrannoidea e Subordem Passeres*. São Paulo: Departamento de Zoologia, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio.

Reppening, M. & C.S. Fontana (2009) Estatus de ocorrência del doradito común (*Pseudocolopteryx flaviventris*) en Rio Grande do Sul, Brasil. *Ornitologia Neotropical* 20: 131–135.

Restall, R., C. Rodner & M. Lentino (2006) *Birds of Northern South America*. 2 vol. New Haven and London: Yale University Press.

Ridgely, R.S. & G. Tudor (1994) *The birds of South America. Volume II. The subordine passerines*. Austin: The University of Texas Press.

Semlitsch, R. D., D. E. Scott, J. H. K. Pechmann & J. W. Gibbons (1996) Structure and dynamics of an amphibian community: evidence from a 16-year study of a natural pond, p. 217–248. In: Cody, M. L. & J. A. Smallwood (eds.) *Long-term studies of vertebrate communities*. San Diego: Academic Press.

Semlitsch, R. D. & J. R. Bodie (1998) Are Small, Isolated Wetlands Expendable? *Conservation Biology* 12(5): 1129–1133.

Short, L. L. (1975). A zoogeographic analysis of the South American Chaco avifauna. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 154: 163–352.

Sick, H. (1997) *Ornitologia brasileira*. Ed. rev. e ampliada por J. F. Pacheco. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Straube, F.C., A. Urban-Filho & D. Kajiwara (2004) Aves, p. 145–496. In: Mikich, S. B. & R. S. Bérnils (eds.) *Livro vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná*. Curitiba: Instituto Ambiental do Paraná.

Traylor Jr, M.A., & J. W. Fitzpatrick (1982) A survey of the tyrant flycatchers. *The Living Bird* 19: 7–50.

Urban-Filho, A. & F. C. Straube (2008) *Polystictus pectoralis* (Vieillot, 1817), p. 642–643. In: Machado, A. B. M., G. M. Drummond & A. P. Paglia (eds.). *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*, vol. 2. Brasília: Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas.

Willis, E. O. & Y. Oniki (2003) *Aves do Estado de São Paulo*. Rio Claro: Divisa.

Woodward, R. T. & Y. Wui (2001). The economic value of wetland services: a meta-analysis. *Ecological Economics* 37: 257–270.

<sup>1</sup> Ornithology Department, Academy of Natural Sciences of Drexel University, 1900 Benjamin Franklin Parkway, Philadelphia, PA 19103, USA. E-mail: [vitor.piacentini@gmail.com](mailto:vitor.piacentini@gmail.com)

<sup>2</sup> Projeto Dacnis. Estrada do Rio Escuro 4754, Sertão das Cotias, CEP 11680-000, Ubatuba, SP – Brasil.